

VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO: AS CONSTRUÇÕES DA IMAGEM DE AUGUSTO ATRAVÉS DAS FIGURAS DE JÚLIO CÉSAR E MARCO ANTÔNIO.

Natália Frazão José*

A construção da imagem de Augusto¹ é algo muito estudado por inúmeros pesquisadores² de diferentes períodos e com diversos propósitos. Obras de vários autores inseridos no arco cronológico do Principado Romano, tais como a *Eneida* de Virgílio, ou mesmo as obras de Horácio, como as suas *Epodes* ou as *Elegias* de Propércio, entre muitas outras, servem de objeto para as pesquisas de tais estudiosos que pretendem enxergá-las como construções capazes de propagar determinadas concepções, elaboradas dentro de sociedades específicas e possuidoras de objetivos próprios.

Desta forma, a diversidade de escritos sobre esse homem romano torna possível a existência de inúmeros Augustos, representações elaboradas em diversos períodos, frutos de criadores distintos. No decorrer de nossas pesquisas, conseguimos perceber que certos autores, que pertencem ao arco cronológico do Principado Romano, fazem uso das imagens de Júlio César e Marco Antônio para construírem representações em torno de Augusto, construções estas que são frutos de suas épocas e que possuem objetivos próprios. Em outras palavras, constroem-se imagens acerca da figura de Augusto, ao mesmo tempo em que são criadas imagens em torno de César e de Antônio. Tais escritos assimilaram e representaram estes personagens de inúmeras formas, com diversos objetivos. Contudo, faz-se necessário salientar que as representações acerca destes são bastante volumosas e, de certo modo, únicas. Existem inúmeros Augustos e, em decorrência disto, vários Júlios e Antônio. Cada representação é fruto das concepções próprias de seus autores, de seus contextos históricos, de seus objetos e objetivos.

Em meio a tais construções, destacamos as realizadas por Veléio Patérculo, Plutarco de Queroneia e Caio Suetônio Tranquilo. Veléio, um militar do início do Principado (séculos I a.C. a I d.C.), compôs um *Compendium* intitulado *História Romana*, onde, através de um

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Franca. Atualmente, é Doutoranda em História Antiga do mesmo Programa, sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, com pesquisa intitulada *Imagens Discursivas sobre Augusto nas Biografias e Histórias do Principado Romano (séculos I a.C a III d.C.)*. Bolsista FAPESP.

¹ Trataremos este personagem por três nomes distintos: Otávio, quando se tratar de sua juventude decorrida no período republicano; Otaviano após a adoção deste por César; Augusto, após 27 a.C., quando este título lhe é incorporado e César, quando nossos próprios autores assim o denominarem.

² Tais como Pierre Grimal, *Virgílio e o Segundo Nascimento de Roma*, cuja primeira publicação é datada de 1985; Susan Walker e Andrew Burnett, autores de *The Image of Augustus, publicada em 1981*; Paul Zanker, *The Power of Images in the Age of Augustus*, datada de 1988, e Diane Favro, *The Urban Image of Augustan Rome*, 1996.

novo modelo de escrita³, tenta narrar toda a trajetória enfrentada pelos romanos, desde a fundação da cidade até o governo de Tibério, proporcionando aos seus leitores um panorama geral sobre a história que envolve a cidade de Roma. Plutarco e Suetônio escrevem biografias. Plutarco, escritor beociano dos séculos I e II d.C., em suas *Vidas Paralelas*, ao narrar a vida de um homem grego ilustre, sempre narra a vida de um romano ilustre, tecendo, no final de suas biografias, breves comparações entre as vidas, os valores morais e os feitos de cada personagem. Em outras palavras, exprime, em suas biografias, todo o hibridismo cultural existente em sua própria vida, já que possuía tripla cidadania: a beociana, onde nasceu, a ateniense, onde estudou e passou parte de sua juventude, e a romana, onde ministrou palestras e desempenhou funções.

Suetônio, portador da cidadania romana, também dos séculos I e II d.C., atém-se a descrever em sua *A Vida dos Doze Césares* as vidas e os feitos de doze Imperadores Romanos, iniciando com Júlio César, preocupando-se com narrar informações diversas, de âmbitos público e privado. Aqui, mais uma vez, a obra é fruto direto da vivência do autor, posto que Suetônio desempenhou cargos importantes em meio à sociedade imperial romana, tal como a função de *ab epistulis*, que lhe possibilitou o contato com informações privilegiadas acerca dos imperadores, suas famílias, seus feitos e suas administrações.

Podemos perceber que analisamos aqui a obras de três autores inseridos em momentos distintos do arco cronológico do Principado Romano. Veléio Patérculo viveu entre o século I a.C. e o I d.C.; Plutarco de Queroneia e Caio Suetônio Tranquilo, entre os séculos I e II d.C. Nota-se, que são autores que vivenciaram períodos distintos desse sistema político, social, cultural e econômico. Ainda, cada autor ocupou uma posição perante o Império Romano, vivências estas que influenciaram seus relatos e suas maneiras de exposição. Logo, tratamos de três autores distintos, inseridos em momentos diferentes do Principado Romano e representantes de estilos de escrita diversos. No entanto, intrigou-nos como, desde o princípio, mesmo entre todas as dessemelhanças, faz-se possível encontrar inúmeras, múltiplas e destacadas similaridades. Semelhanças estas que podemos encontrar, principalmente, na maneira em que estes autores fazem uso das figuras de Júlio César e Marco Antônio para compor a imagem de Augusto. Em outras palavras, como criam representações sobre Augusto

³ Salientamos que concordamos com a visão de Raymond Starr (1981,p.166), o qual nos diz que Veléio, ao usar elementos brevíários, panegíricos e biográficos, cria um novo modelo de escrita, que pode ser chamado *de transcursus*. Neste, a história é contada a partir da ressalva de seus pontos principais, ou seja, apenas os acontecimentos de maior importância são narrados pelo autor.

aproximando-o de seu antecessor, Júlio César e, afastando-o de seu inimigo político e militar, Marco Antônio.

É em meio à instabilidade política em Roma após os idos de Março que surge em maior evidência a figura do jovem Caio Otávio, futuro Otaviano. Dentre os autores aqui trabalhados, Suetônio é quem possui uma biografia sobre este romano. Nos dois autores restantes, as descrições acerca deste personagem serão retiradas de forma indireta, tanto em Veléio quanto em Plutarco. O primeiro, refere-se muito ao herdeiro de César no decorrer de sua obra. Cita seu nascimento, seu apogeu, seus feitos e sua morte. As maiores referências de Plutarco são encontradas na biografia sobre Antônio e aludem, principalmente, às ações de Augusto como governante durante o Segundo Triunvirato. Entretanto, mesmo as pequenas menções nos são significativas, uma vez que expressam as concepções de seus criadores a respeito daquilo que relatam.

Nas obras dos autores por nós aqui selecionados, a figura de Augusto aparece em momentos distintos de suas narrativas. A primeira menção a Augusto por Veléio Patérculo ocorre quando este, em meio aos relatos sobre Pompeu Magno, descreve o nascimento de Augusto. De acordo com ele: “O nascimento do Divino Augusto, que iria obscurecer a todos os homens de todas as naturalidades com sua grandeza, há noventa e dois anos atrás, acresceu de brilhantismo o consulado de Cícero.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 36).

Desde este momento, já se faz possível notar qual será o tom adotado por este escritor ao descrever Augusto. Logo de início, ele já o caracteriza como Divino e salienta que este irá eclipsar os demais homens deste período. Em meio a seu relato, ora o chama como Otávio (principalmente quando trata de sua descendência), ora como Augusto ou César. Tais nomeações variam de acordo com o período sobre o qual o autor relata e a posição social e política ocupada pelo personagem neste mesmo recorte temporal.

Em Plutarco, a primeira menção sobre Augusto ocorre logo após a descrição do assassinato de César, quando nos informa a respeito das perseguições dos assassinos. Entre os perseguidores, encontra-se o jovem César (PLUTARCO, *César* LXVII, 5). Ao fazer uso dessa denominação, Plutarco já especifica dois pontos. Primeiramente, já alude ao fato de Otávio ter sido adotado por César, colocando-o como seu herdeiro. Além disso, também destaca a posição política que futuramente será ocupada por este jovem, a de César, a qual, para além de nome, será usado também como um título ligado ao Império.

É também em meio a sua biografia de César que Suetônio se refere, pela primeira vez, a Augusto. Trata-se da ocasião da abertura do último testamento de César, onde este instituía seus herdeiros, assim como a divisão de seus bens. (*O Divino Júlio* LXXXIII, 3-4).

Assim como os outros autores, Patérculo não deixa de citar a adoção do jovem cidadão romano por César, aspecto este que será de grande importância na nova configuração da sociedade romana. Nas palavras desse autor: “Depois, se abriu o testamento de César onde este adotava Caio Otávio, neto de sua irmã Júlia.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 59). Logo, encontramos aqui um novo ponto de concordância entre nossos autores: todos concordam que Otávio, ainda jovem, foi adotado por César, com quem possuía, inclusive, laços consanguíneos. A partir desse ponto, os autores passam a aproximar as questões positivas de Otaviano a Júlio César, separando-o, por conseguinte, dos vícios que julgavam pertencer a Marco Antônio e que não podiam ser características constituintes de um bom governante.

No desenrolar das descrições suetonianas, o nascimento de Augusto é destacado. Da mesma forma que Veléio, Suetônio o insere em 63 a.C: “Augusto nasceu durante o consulado de Marco Túlio Cícero e Caio Antônio, nove dias antes das Calendas de outubro, pouco antes do nascer do sol, na região do Palatino próxima às Cabeças de Boi (...)” (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* V, 1). Logo, Augusto teria nascido por volta do dia 24 de setembro, pela manhã. O local do nascimento e da criação durante sua juventude, para o autor supracitado, seria um lugar sagrado, onde apenas por extrema necessidade se poderia adentrar (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VI, 1-2). Tem-se aqui, a primeira das manifestações de origens divinas relacionadas a Augusto que podemos encontrar na obra suetoniana, origens divinas que também aparecem nas construções de nossos autores sobre César, que seria herdeiro de deuses e heróis (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana* II, 41; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* VI, 2), mas não nas de Antônio, de origem modesta e humana (PLUTARCO, *Antônio* I,1-2) .

O nascimento de Augusto, em um momento posterior da narrativa suetoniana, ainda é imbuído de novos ares de mistério e de manifestação dos deuses. Segundo o autor, vários foram os incidentes que se cercaram o nascimento daquele que viria a ser chamado de Augusto. Para o autor, tais manifestações são de origem divina e já evidenciavam o que se podia esperar daquele que nascia sua grandeza futura e sua sempre presente ventura (*O Divino Augusto* XCIV, 1). A origem divina também é muito destacada em Júlio César, o qual é colocado pelos autores como sendo herdeiro dos *Iulos*, família que descendia de Ânquises e

Vênus, um herói e uma deusa (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana* II, 41; SUETÔNIO, *O Divino Júlio* VI, 2-3). Neste ponto, notamos mais uma aproximação entre Júlio César e Augusto realizada por Veléio e Suetônio, onde os personagens apresentam uma origem divina, as quais representam suas magnitudes.

Plutarco, por nós aqui pouco mencionado, pouco fala sobre os aspectos genealógicos daquele que, por inúmeras vezes, chama de César. Em detrimento de não possuímos a suposta biografia de Augusto de sua autoria, as referências acerca da descendência daquele a quem chama de jovem César ficam restritas somente a esse ponto: era sobrinho neto de Caio Júlio César, quem o adotou e, por conseguinte, deu-lhe o nome de César (PLUTARCO, *César* LXVII). Em suas palavras: “Neste estado das coisas, o jovem César chegou a Roma. Ele era, como já foi dito, filho de uma sobrinha do falecido César, a quem este deixou como herdeiro. Achava-se em Apolônia quando César foi morto.” (PLUTARCO, *Antônio* XVI, 1).

Contudo, mesmo em que tenhamos poucas linhas plutarqueanas sobre Augusto, notamos que, mesmo nestas, o autor não deixa de reforçar a aproximação de Júlio César com seu herdeiro, o futuro Augusto.

As qualidades morais de Augusto aparecem, nas obras de nossos autores, em meio aos acontecimentos de sua vida, no desenvolver de suas ações. Ainda, é através destas que as maiores semelhanças com Júlio César e as maiores discrepâncias com Marco Antônio podem ser percebidas.

Veléio, no desenrolar de sua narrativa, nos dá inúmeros indícios sobre como caracteriza Augusto. Logo de início na primeira menção de seu nome já nos diz: “O nascimento do Divino Augusto, que iria obscurecer a todos os homens de todas as naturalidades com sua grandeza (...)” (*História Romana* II, 36. Grifo nosso). Logo, desde este ponto, Veléio já menciona traços da personalidade de Augusto, tais como sua grandeza.

Sobre os fatores da vida do futuro Augusto, Suetônio também nos informa. Para ele, as mostras do caráter de seu biografado se dão também desde cedo. O autor dá grande valor ao elogio fúnebre realizado pelo jovem Otávio na ocasião do funeral de sua avó Júlia. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VIII, 1-3). Aqui, assemelha-se novamente com Júlio César, quem também proferiu louvações públicas a membros femininos de sua família, no caso sua esposa e sua tia (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* VI, 2) . Neste quesito, também podemos notar uma separação da figura de Antônio, o qual, em nenhuma de nossas obras, é citado como tendo se destacado no proferimento de um discurso ou elogio fúnebre, com exceção da

ocasião daquele realizado após a morte de César, onde Suetônio mesmo nos diz que, após a leitura das Atas do Senado, Antônio acrescentou poucas palavras. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* LXXXIV, 4-5)

O discurso fúnebre também se constitui em uma evidência do caráter do biografado, tanto nas descrições sobre César quanto nas de Augusto. Ainda, podemos notar os aspectos semelhantes entre as obras de Veléio e Suetônio, quando em ambas aparece em destaque o desempenho de Otávio em meio às batalhas travadas por seu tio avô, desempenhos estes que, além de serem demonstrativos de seu caráter, angariaram-lhe a admiração de seu futuro pai adotivo.

Para Suetônio, César, ao escolher seu sobrinho neto como seu herdeiro, também está demonstrando uma escolha feita pelos deuses, a qual lhe é mostrada através de um prodígio. Nas palavras do autor:

*Em Munda, procurando o Divino Júlio um local para montar acampamento e tendo ele feito derrubar parte do bosque, mandou que uma palmeira aí descoberta fosse poupada como presságio da vitória; um broto surgido dela em seguida tanto cresceu que não apenas se equiparou à planta mãe, mas, de fato, cobriu-a totalmente e se povoou com ninhos de pombas, embora essa espécie de ave evite ao máximo as folhagens duras e ásperas. Dizem que foi principalmente aquele prodígio que levara César a não desejar que nenhum outro o sucedesse a não ser o neto de sua irmã. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XCIV, 7).*

Assim, já se anunciavam as características do herdeiro de César, que além de ter sido escolhido pelo próprio tio, foi também escolhido pelos deuses, da mesma forma que o foi Júlio César (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* VI, 2) .

O pendor pela educação e pela instrução também foi um dos valores de Otávio que muito agradou a Júlio César. Suetônio, em um momento posterior de sua obra, diz que ao futuro Augusto dedicou-se com afinco, desde a juventude, as artes liberais, desenvolvendo, por conseguinte o dom da eloquência, da mesma forma que seu pai adotivo possuía (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* LXXXIV, 1). As demonstrações destas qualidades serão dadas em vida, quando compõe muitas obras de gêneros variados, adotando para isso um estilo elegante e sóbrio, evitando a frivolidade. Aqui, Suetônio distingue este governante de Antônio, o qual demonstra o pendor por estilos exuberantes de escrita, oriundos de terras estrangeiros, condizentes com sua personalidade (*O Divino Augusto* LXXXV, 1-3; LXXXVI, 3). Com a mesma visão concorda Plutarco, o qual nos diz que Antônio "(...) adotou o que era conhecido como o estilo asiático de oratória, o qual estava no auge naqueles dias e que possuía, aliás, uma forte semelhança com sua própria vida, orgulhosa e arrogante, de ênfase vazia e caprichosa pretensão." (PLUTARCO, *Antônio* II, 5). Logo, notamos mais um ponto

em comum entre os autores e, por conseguinte, mais uma característica distoante entre o futuro Augusto e Antônio: mesmo no que se referia as artes liberais os dois se diferenciavam. Enquanto o primeiro apresentava sua austeridade, o segundo demonstrava sua excentricidade, sua arrogância. Para além das críticas ao estilo literário, o autor faz clara alusão ao estilo de vida de Antônio, assim como a seu gosto por aquilo de origem estrangeira, como é o caso da escolha de um estilo de oratória asiática. Plutarco, desde então, demonstra que essa propensão pelos artifícios estrangeiros está, basicamente, intrínseca a Antônio e a sua vida. Aqui, mais uma vez, encontra-se uma dessemelhança com Augusto, que é retratado por todos os autores por nós estudados, como um homem culto, que buscou ensinamentos com professores de certa fama nos assuntos pertencentes às técnicas da oratória e da retórica.

Após essas considerações iniciais, os autores passam a centralizar suas atenções para um momento posterior da vida deste personagem, em sua posição e em seus atos perante a morte de César. Os três autores concordam que, neste período, Otaviano encontrava-se em Apolônia, em detrimento de adquirir certa instrução (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 59.; PLUTARCO, Antônio XVI, 1.; SUETÔNIO, *O Divino Augusto* VIII, 3.). Para Patérculo, ao saber do assassinato de seu tio, passou a dirigir-se a Roma. No caminho, inteirou-se dos detalhes sobre o crime, assim como descobriu a respeito do testamento onde era adotado como filho de César. Neste momento, segundo este autor, o jovem possuía o apoio de legiões próximas, que estavam dispostas a defendê-lo (*História Romana* II, 59). Contudo, as linhas mais expoentes são as seguintes, onde o autor nos relata que:

*Um grande número de amigos o acudiram ao chegar em Roma e, no momento em que estava prestes a adentrá-la, um arco íris em forma de coroa ornamentou a frente de um homem que mais tarde iria ser tão importante. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 59)*

Dessa forma, Veléio alude a alguns pontos de grande importância. Primeiramente, o jovem Otávio, assim que se descobriu como herdeiro de César, recebeu o apoio de algumas legiões, o que vem por legitimar, desde o princípio, o seu direito de governo. A mesma intenção de legitimação encontramos na descrição da manifestação de origem divina no momento em que o futuro governante chega a Roma. Este, ao pisar na cidade, é coroado por fochos de luzes coloridas. Em outras palavras, de acordo com nosso autor, até mesmo os deuses se manifestaram frente à nova posição que o jovem herdeiro de César viria a ocupar.

Na obra suetoniana, podemos encontrar a mesma passagem, onde o autor nos diz que:

Retornando de Apolônia após o assassinato de César, um círculo semelhante ao arco íris rodeou repentinamente o sol enquanto entrava em Roma e o céu estava

límpido e sereno. Imediatamente depois, o sepulcro de Júlia, a filha de César, foi atingido por um raio. (SUETÔNIO, O Divino Augusto XCV, 1)

Logo, o herdeiro de César era legitimado até mesmo pelos deuses, que se manifestaram assim que este colocou os pés em Roma.

Em Plutarco, as atitudes do herdeiro de César diferem-se um pouco. De acordo com o beociano, ao chegar a Roma, o primeiro encontro que o herdeiro de César tem é com Antônio, a quem cobra a distribuição das somas que seu pai havia legado ao povo romano. É a partir deste encontro que as primeiras hostilidades entre os futuros integrantes do Segundo Triúvirato se iniciam (PLUTARCO, *Antônio* XVI, 2). Aqui, o escritor descreve Antônio como um homem temeroso que, por recear o poder do herdeiro, faz uso de tudo a seu alcance para prejudicá-lo, como desdenhar da sua juventude e sugerir sua falta de capacidade para dar continuidade nas ações de César. (PLUTARCO, *Antônio* XVI, 3).

Suetônio, por sua vez, também nos fala sobre este particular momento da vida do futuro Augusto. Este autor apresenta uma versão igualmente distinta das de Plutarco e Patérculo. De acordo com ele:

Quando soube do assassinato de César e de que era seu herdeiro, por muito tempo hesitou se deveria apelar para as legiões próximas e, na verdade, abandonou tal idéia como precipitada e imatura. Tendo, contudo, retornado a Roma, reclamou o legado, apesar das hesitações de sua mãe e das muitas tentativas de dissuadi-lo por parte de seu padrastrô, Márcio Filipo, homem que já havia exercido o consulado. (SUETÔNIO, O Divino Augusto VIII, 4).

Suetônio descreve um breve momento de hesitação por parte do herdeiro de César, hesitação esta que era compartilhada por sua mãe e por seu padrastrô, Filipo. Sobre este ponto, também notamos certa concordância na obra veleiana, como mostra o trecho que se segue:

A sua mãe Àtia e a seu padrastrô Filipo, não lhes agradava que herdasse o nome de César, cuja fortuna suscitava ódio, mas, a salvação da Res Pública e de todos os outros lugares lhe reclamavam como protetor de Roma. Por isso, seu elevado espírito descartou os conselhos humanos, e assim se propôs a aspirar alto sem temer os riscos, ao invés de limitar sua ambição para preservar sua segurança. Preferiu confiar em seu tio e no nome de César mais que em seu padrastrô, dizendo repetidas vezes que não podia permitir considerar-se indigno de um nome que César lhe havia considerado digno. (VELÉIO PATÉRCULO, História Romana II, 60)

Para este autor, Otávio assumia o nome de César não só em detrimento de sua própria vida, mas pelo bem de Roma e das demais regiões que dela dependiam. Assim, assume os riscos em detrimento de sua própria segurança. Em nossa concepção, aqui há uma aproximação realizada pelo autor entre César e seu herdeiro, uma vez que, em seu relato,

inúmeras vezes podemos notar que ele caracteriza César como uma espécie de defensor da sociedade e dos valores romanos. Notamos assim, o uso da memória de César como forma de legitimação de seu herdeiro, pois, ao adotar o nome de seu pai adotivo, Otávio não estabelece apenas laços de parentesco, mas apropria-se também da memória coletiva acerca desse cidadão.

Na continuação do relato veleiano, este aborda a oposição que, logo de início, o herdeiro cesariano recebe daquele que parecia ser seu aliado, Antônio. De acordo com o autor, este temia o novo poder que se concentrava em Otaviano, o qual poderia cobrar-lhe as copiosas somas deixadas por César ao povo romano; somas estas das quais Antônio fez uso indevido. Foi neste momento que, de acordo com Veléio, aos espalhar boatos maliciosos a respeito de Otaviano, Antônio dá mostras de sua vergonhosa falsidade (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 60). Neste ponto de sua narrativa, ao tratar da crescente oposição entre Antônio e Otaviano, promove uma distinção entre ambos. De início, coloca que: “O ódio aumentava entre dois homens de natureza tão distinta e com diferentes interesses, e, por isso, o jovem Caio César sofria com o assédio diário de Antônio.” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 60). Posteriormente, a disputa que era entre cidadãos romanos, torna-se uma batalha por Roma. Em suas palavras:

*A cidade estava sufocada pela opressão de Antônio. Todos sentiam dor e indignação, porém, não possuíam força para lhe fazer frente, quando Caio César, que iniciava o décimo nono ano de sua vida, com a coragem para ações admiráveis e para a busca de objetivos importantes por iniciativa própria, mostrou maior providência que o Senado na proteção da República (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 61)*

Otaviano, novamente, ocupa a posição de protetor de Roma. Assim, reuniu parte das tropas de seu pai adotivo e parte em busca de Antônio, cujo exército, ao deparar-se com “(...) as qualidades de um jovem de tamanho valor (...)”. (*História Romana* II, 61), trocou de lado. Perante tal evento, o Senado honrou o jovem César com uma estátua localizada em frente à tribuna rostral; honra esta que, em trezentos anos, apenas Sila, Pompeu e Júlio César haviam recebido (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 61).

A formação do Segundo Triunvirato também é tratada por Veléio e Suetônio. Neste ponto, podemos notar novas convergências entre os seus relatos, uma vez que ambos destacam que este acordo político, econômico e militar selado por Otaviano, Antônio e Lépido, teve como intenção, pelo menos por parte do herdeiro Júlio-Claudiano, selar a paz e, com isso, organizar a *Res Publica* que se encontrava abalada perante inúmeros anos de

conflitos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 65; SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XIII, 1-2).

Plutarco, apesar de não dedicar muitas de suas linhas à formação desta aliança, muito nos fala sobre o final de tal pacto. Em concordância com o relato veleiano, o beócio culpa Antônio pelas desavenças, uma vez que este se encontrava sob o julgo de Cleópatra, a soberana ptolmaica (PLUTARCO, *Antônio* LIII, 1-2.; LIV, 1-2). Aqui, a guerra recebe uma roupagem de uma guerra por Roma, sendo Otaviano personificado como seu defensor, assim como certa vez seu pai adotivo o foi. (PLUTARCO, *Antônio* LX, 1).

Os relatos sobre a Batalha de Áccio são extensos. Apesar de certos pontos dissoantes⁴, todos convergem para o mesmo ápice: as ações e, por conseguinte, os desvirtuamentos, de Antônio durante toda a sua vida o direcionaram para seu desonrado fim. (PLUTARCO, *Antônio* LXXVI e LXXVII ; SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVII, 3; VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II,87). Aqui, notamos mais uma vez, a distinção que os autores realizam entre Augusto e Antônio. Antônio é visto como o inimigo não só de Otaviano, como também da própria Roma. Assim como Júlio César o fez, seu herdeiro irá lutar para defender seus concidadãos, para defender a *Res Pública* contra os perigos personificados em Antônio. Em nossa concepção, todo o desenrolar das narrativas de Veléio, Plutarco e Suetônio, onde estes colocam todos os defeitos que julgam pertencer a Antônio, seus desvirtuamentos de caráter e moral, sua ligações com pessoas de má índole, servirão para exemplificar o porquê da guerra perpetuada pelo futuro Augusto contra ele. Ou seja, suas ações levaram ao seu trágico fim. Nenhuma culpa cairia sobre o herdeiro de Júlio César.

As narrativas de Veléio e de Suetônio após as batalhas entre Otaviano e Antônio direcionam-se para o mesmo ponto: para as descrições acerca das atitudes do novo governante romano, que a partir de então passará a ser chamado ora de César, ora de Augusto. De acordo com Patérculo:

(...) com que abundância e com que atitude favorável de todos os cidadãos, de todas as idades e ordens sociais, foi recebido César em seu retorno a Roma, que magnificiência teve seu triunfo, quantas foram as recompensas, não se pode expressar de uma maneira que seja suficiente entre os conteúdos de uma narração regular, ainda mais na nossa tão limitada. Nada podem pedir os homens aos deuses

⁴ Referimo-nos aqui ao fato que Veléio destaca a benevolência de Otaviano perante o seu inimigo Antônio (*História Romana* II,87), enquanto Plutarco (*Antônio* LXXIII,1) e Suetônio (*O Divino Augusto* XVII, 1-3) destacam que o mesmo não apresentou clemência perante os pedidos de seu opositor. A discordância também aparece quando Veléio (*História Romana* II,87 - 89) e Plutarco (*Antônio* LXXVI e LXXVII) salientam que Otaviano não seria o responsável pelo suicídio de Antônio, ao contrário do relato suetoniano (*O Divino Augusto* XVII, 3), que ressalta que o jovem herdeiro Júlio-Claudiano teria incitado a morte prematura de seu oponente.

e nada podem conceder os deuses aos homens, nenhum desejo conceber ou realizar felizmente que César após a sua volta a Roma não apresentasse ao estado, ao povo romano e ao mundo. (VELÉIO PATÉRCULO, História Romana II, 89)

Chama-nos a atenção, no trecho acima arrolado, o fato de que Veléio afirma que o jovem César, após a guerra contra Antônio, contava com o apoio de todos os cidadãos romanos. Em nossa acepção, encontramos aqui a construção da imagem de bom governante em torno da figura do futuro Augusto, construção esta que vai referendar o reflexo da imagem augusteana dentro do sistema político do Principado Romano.

Suetônio igualmente aborda as realizações de César após suas vitórias em Áccio e Alexandria. Nesse ponto de sua obra, em meio às descrições das ações do governante, é que podemos encontrar a exposição de seu caráter, virtudes e vícios. Suas ações dentro e fora de Roma são brevemente descritas, de modo a ressaltar a índole e o caráter do novo governante que se colocava perante Roma. Tais acepções são recorrentes na obra suetoniana, onde o autor é bem claro ao ressaltar que o jovem César assume o papel de restaurador da *Res Pública*. Isso podemos notar mesmo quando este exerce o triunvirato, sobre o qual o autor nos diz que: "Exerceu o triunvirato a fim de organizar a República (...)" (*O Divino Augusto XXVII,1*). Deste modo, o herdeiro de César ocupava suas funções em detrimento da restauração republicana e as suas ações eram direcionadas a isto, conforme revelado mais uma vez pelas palavras suetonianas:

Pensou por duas vezes em renunciar ao comando da República: primeiramente, assim que esmagou Antônio, lembrando de que ele o acusara muitas vezes de ser o obstáculo à sua restauração; fê-lo, novamente, desgastado por uma longa doença, quando informou o estado do governo às autoridades convocadas e ao senado. Mas, julgando que seria arriscado voltar a ser um simples particular e que a República seria temerariamente submetida ao arbítrio de muitos, perseverou em conservar o poder. É difícil dizer qual foi melhor: o resultado ou a intenção. Manifestando tal propósito, por várias vezes, também o atestou pelas palavras encontradas em um certo edito seu: 'de tal modo seja-me permitido manter a República sã e salva em suas bases e colher-lhe o fruto procurado, que me digam ser fundador do melhor regime, e morrendo leve comigo a esperança de que não de permanecer em seus próprios eixos os fundamentos da República que terei estabelecido.' Ele próprio se fez cumpridor de sua promessa com toda sorte de esforços, para que a ninguém desagradasse a nova situação. (SUETÔNIO, O Divino Augusto XXVIII, 1-3)

No trecho da obra suetoniana, pode-se notar que o autor caracteriza que Augusto se coloca como defensor e restaurador da *Res Pública*. Porém, não é uma restauração nos moldes republicanos antigos. Suetônio, parece-nos, quer demonstrar que com Augusto nasce um novo sistema de governo, governo que sim, baseia-se em grande parte nos princípios republicanos, entretanto, é algo novo.

Com o mesmo caráter de restaurador parece concordar Veléio, o qual nos diz que:

(...) se restabeleceram as leis com seu antigo vigor, os juízes voltaram a recobrar sua autoridade e o senado sua dignidade suprema. As atribuições militares de suas magistraturas retomaram suas definições antigas, só se atribuindo dois pretores aos oito que já existiam. Aquela inveterada e antiga constituição do estado foi recuperada. Os campos voltaram a ser cultivados, se devolveu a solenidade aos cultos religiosos, os homens se encontravam novamente seguros e cada qual tinha outra vez assegurada a propriedade de seus bens. Se fossem apresentadas ementas úteis a leis, estas se promulgavam saudavelmente, o senado selecionava-se sem rigor nem severidade. (VELÉIO PATÉRCULO, História Romana II, 89)

O governante aparece nas linhas veleianas como um restaurador, aquele que colocou novamente nos eixos os assuntos pertencentes à administração republicana. Tal aspecto fica ainda mais evidenciado quando o autor nos fala que: “César exerceu o consulado por onze anos, ainda que o tenha recusado, resistindo por inúmeras vezes, pois decididamente não quis aceitar a ditadura que insistentemente lhe oferecia o povo.” (*História Romana* II,89). César recusava-se, de acordo com o autor, a receber magistraturas que o relacionassem diretamente com a monarquia. Uma descrição semelhante desse fato podemos encontrar em Suetônio quando este relata que Augusto: “Repudiou com grande vigor a ditadura que lhe era oferecida pelo povo ajoelhado (...).” (*O Divino Augusto* LII, 2). O desprezo de Augusto por tal tipo de titulação é tão grande que este proíbe, por toda a sua vida, que lhe chamem de Senhor (*O Divino Augusto* LIII, 1).

Suetônio, no desenrolar de sua narrativa, dá maiores exemplos das atitudes de seu biografado que exprimem sua personalidade. Para esse autor, ele aparenta ares de homem justo e obstinado, zeloso pela justiça e pelo bem de Roma. (*O Divino Augusto* XXXII,2-3). Curioso notar que Suetônio atribuiu a Júlio César a mesma conceituação de homem obstinado, zeloso, justo e brando que nota pertencer também a Augusto. (*O Divino Júlio* XIV, 1). Em nossa concepção, aqui jaz mais um dos aspectos semelhantes entre os dois governantes. A mencionada justiça aplicada pelo herdeiro de César também aparece na obra veleiana, quando este autor cita que Augusto foi o responsável por colocar em novos eixos a justiça que se encontrava, até então, em profunda instabilidade (*História Romana* II, 89 – 90).

O autor militar também destaca que Augusto restabeleceu o Senado em sua “dignidade suprema” (*História Romana* II, 89). O mesmo podemos encontrar na obra suetoniana, como mostra o trecho a seguir:

Fez tornar o grupo crescente de senadores, uma turba disforme e confusa – pois eram mais de mil, alguns indigníssimos e aceitos depois da morte de César por favor ou recompensa, a quem o povo chamava de orcini , - ao antigo número e honradez (...).(SUETÔNIO, O Divino Augusto XXXV, 1).

Logo, Augusto surge mais uma vez como um respeitador das tradições republicanas, uma vez que restaura a glória de sua principal instituição política: o Senado Romano. O respeito por essa instituição surge, inclusive, no tratamento do governante a seus membros. Segundo o autor, Augusto saudava a todos pelo nome, os quais sabia de cor, e nunca se negou a participar das solenidades de cada um. (*O Divino Júlio* LIII, 3).

Contudo, nem em todos os aspectos, Augusto segue os passos de seu pai adotivo, Júlio César. Podemos perceber, principalmente na narração suetoniana e veleiana, que o herdeiro tenta desvencilhar-se das principais atitudes que fizeram com que César fosse tido por muitos como um líder autocrático, um aspirante a monarquia. Para Veléio, Augusto negou-se a aceitar a titulação de ditador, titulação esta que César obtém e aceita, inclusive, aquela que o denominará ditador vitalício (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 55, 56 e 89).

Para Suetônio, as ações que distinguem Augusto de César se dão mais no âmbito administrativo do que na aquisição de magistraturas e funções. Para este autor, Augusto tomou algumas iniciativas que contradiziam com aquelas de seu pai, anos antes. A princípio, revogou a lei cesariana que tornava as atas do Senado públicas, circunscrevendo sua aparição apenas no interior dessa instituição. (*O Divino Augusto* XXXVI, 1). Por conseguinte, ele também provocou reformas que aparentavam ser restauradoras das magistraturas e das funções republicanas, tais como a criação de novos cargos direcionados à administração da cidade de Roma e de suas províncias e a restituição das eleições para censores, as quais não ocorriam desde os tempos de Júlio César. Em nossa visão, Augusto tentava se distanciar, pelo menos de forma aparente, das atitudes cesarianas que ocasionaram a sua morte. No entanto, ao mesmo tempo, colocava-se como detentor das mesmas virtudes e valores morais, legitimando-se como seu herdeiro perante a sociedade romana.

Os autores citam ainda provas da benevolência de Augusto, não só para com os cidadãos, estrangeiros e demais habitantes provincianos, como também para com seus inimigos. De acordo com Suetônio, mesmo a estes últimos o governante concedeu o perdão, permitindo que estes ocupassem cargos de grande importância em Roma (*O Divino Augusto* LI, 1-3). Aqui notamos mais um distanciamento entre Augusto e Antônio, sendo que este último foi caracterizado por Plutarco como um homem que não era benevolente nem com seus amigos, nem com os demais habitantes de Roma.

A soma de tais atos e ações de Augusto tornaram o governante um homem amado por seu povo. De acordo com Suetônio, por todo esse amor, teria lhe sido atribuído o título de Pai

da Pátria. (Suetônio, *O Divino Augusto* LVIII, 1-2). Para este autor, a nomeação de Augusto como Pai da Pátria é feita por todas as instâncias da sociedade romana: pelo povo e pelo Senado. Assim, a aclamação adquire os ares de uma nomeação completa, sem oposição.

Estima que também lhe era direcionada pelo modo como vivia. Assim como Plutarco e Veléio referem-se à simplicidade de César, Suetônio aqui também o faz ao tratar de seu herdeiro, Augusto. De acordo com este autor, o governante mostra ter uma vida, em certos aspectos, sóbria e sem suspeita de vício algum (*O Divino Augusto* LXXII, 1). Ao contrário de Marco Antônio, sempre fez questão de viver em casas modestas, mobiliadas de forma simples. Sua simplicidade exibia até no modo de se vestir (*O Divino Augusto* LXXII e, LXXIII.). Com respeito à comida e ao vinho, expunha a mesma parcimônia e singeleza de Júlio César, mostrando-se, inclusive, adepto de alimentos que eram considerados de segunda qualidade (*O Divino Augusto* LXXVI, 1-2; LXXVII, 1).

Para Suetônio, ao morrer, Augusto alcançou a condição divina. Ao contrário das mortes de Júlio César e Marco Antônio, seu desvanecer foi tranquilo. Nas palavras do autor: “Faleceu no mesmo quarto que seu pai, Otávio, durante o consulado dos dois Sextos, Pompeu e Apuléio, no décimo quarto dia antes das Calendas de setembro, na nona hora do dia e com setenta e seis anos de idade menos trinta e cinco dias.” (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* C, 1).

Veléio Patérculo também assim descreve o falecimento de Augusto, situando-o em 14 d.C., em Nola, onde acompanhava seu filho adotivo e futuro imperador Tibério. Segundo o autor, devolvia-se ao âmbito celestial o espírito de homem que foi muito querido e muito amado pelos romanos e pelos demais homens de bem (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 124).

Na ocasião da cremação dos restos mortais de Augusto, Suetônio ainda nos fala que não teve um homem presente que não jurasse ter visto o espectro do morto ascender aos céus (*O Divino Augusto* C, 3). Aqui, notamos mais uma aproximação realizada com Júlio César, uma vez que segundo os relatos de nossos autores, o espírito deste também ascende ao plano divino após sua morte.

Assim terminam os relatos sobre Augusto. As informações que nos são passadas por Veléio e Suetônio, e, também, por Plutarco, expõem certas características semelhantes, evidenciando, desta maneira, que os autores partilham de concepções similares, concepções estas que podem ser frutos de construções próprias do período de transição entre a República e o Principado Romano, onde as figuras de Júlio César, Marco Antônio e Augusto aparecem em maior evidência e permeiam o imaginário político e social da sociedade romana.

Percebemos assim que os autores realizam grandes aproximações entre as imagens de Júlio César e Augusto, ao mesmo tempo em que as distanciam da de Marco Antônio. Em nossas análises, verificamos que nossos autores se utilizam das qualidades traçadas para Júlio César, transformando Marco Antônio em uma espécie de antítese. Assim, Augusto apresenta as mesmas características que constituem um bom governante apresentadas por César; características estas que se baseiam na tradição romana e que buscam legitimar suas figuras como governantes, assim como legitimar o sistema político do Principado romano. Logo, assim como César o foi, seu herdeiro seria detentor da *iustitia, prudentia, virtus, pietas e clementia*, qualidades que o denominariam como um bom governante. Características estas que, de acordo com Veléio, Plutarco e Suetônio, não se faziam presentes na figura de Marco Antônio.

Os discursos, frutos de seu tempo e da subjetividade de seus autores, constituem-se em instrumentos capazes de influir no imaginário social, no imaginário coletivo. São instrumentos de poder a partir do momento que possuem a aptidão de legitimar tanto a figura de determinados *Princeps*, como o sistema político do Principado como um todo.

Partindo de nossa interpretação sobre o tema, duvidamos acerca destas construções a respeito de Júlio César, Marco Antônio e Augusto. Primeiramente, partindo dos princípios de que os relatos são construções passionais e passíveis de outras interpretações, duvidamos que aquilo que nossos autores transmitem sobre estes personagens seja a única versão existente sobre tais importantes homens dos períodos republicano e imperial. Intriga-nos, principalmente, os atributos e as características que são atribuídas por nossos autores a Marco Antônio. Em nossa acepção, Marco Antônio, essencialmente após a morte de Júlio César, aparece em meio à sociedade romana como um político versátil, detentor de habilidades que o caracterizaram como um bom governante. De início, Antônio parece demonstrar grande habilidade política ao estabelecer a concórdia entre aqueles que eram caracterizados como os assassinos de César e aqueles que queriam a vingança. Ainda, Antônio demonstra grande habilidade tanto no campo militar quanto no político e administrativo. Como exemplo disso, notamos que é Antônio, e não seu companheiro triúmviro Otaviano, que se aventura pelo Oriente, estabelecendo para além de relações amorosas com a soberana dessa região, relações políticas, econômicas e militares muito proveitosas para Roma. Características estas que, em nossa concepção, determinariam a imagem de um bom governante, no entanto, isso não acontece nas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio.

Logo, em nossa visão, ao denegirem a imagem de Antônio e ao exaltarem a de Júlio César e Augusto, os autores intentaram legitimar o sistema político no qual se encontravam, o Principado Romano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I.Documentação

PLUTARCH.**Plutarch's Lives**. Tradução, introdução e notas explicativas de Bernadotte Perrin. Cambridge/ London: Loeb Classical, 1967, p. XI – XIX.

PLUTARCO, SUETÔNIO. **Vidas de César**. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

SUÉTONE. **Vies des doze Césars**. Préface de Marcel Benabou. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

SUENTONNIUS. **The Lives of Caesars**. Oxford: Oxford University Press, 2009

VELLEIUS PATERCULUS. **Histoire Romaine** T I: Livre I. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

_____. **Histoire Romaine** T II: Livre II. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

II-Obras e Artigos

BENABOU, M. Préface: Suétone, Les Césars et l'Histoire. In SUÉTONE. **Vies des doze Césars**. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

BURNETT, A.; WALKER, S. **The Image of Augustus**. London:British Museum Publications, 1981.

CANFORA,L. **Júlio César: o ditador democrático**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.

CLARK, A. J. **Divine Qualities. Cult and Community in Republican Rome**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ECK, W. **The Age of Augustus**. Oxford: Blackwell, 1998.

FAVRO, Diane. **The Urban Imagem of Augustan Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

GRIMAL, P. **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GRUEN, E. **The Last Generation of the Roman Republic**. California: University of California Press, 1995.

GURVAL, R. **Actium and Augustus: the Politic and Emotions of Civil War**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.

HUZAR, E. **Mark Antony**. Minnesota: University of Minnesota, 1978.

MARECHAUX, P. Prefácio. In Plutarco. **Como Tirar Proveito de Seus Inimigos**. Prefácio e notas de Pierre Maréchaux. Trad. Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003, IX – XXX.

MELLOR, R. **The Romans Historians**. Londres / New York: Routledge, 2002.

NÉRAUDAU, Jean-Pierre. **Auguste: La Brique et le Marbre**. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

PERRIN, B. Introduction. In **Plutarch's Lives**. Tradução, introdução e notas explicativas de Bernadotte Perrin. Cambridge/ London: Loeb Classical, 1967, p. XI – XIX.

SUMNER, G.V. **The Truth about Velleius Paterculus: Prolegomena**. In Harvard Studies in Classical Philology, vol. 74, 1970, p. 257-297.

SYME, R. **Roman Revolution**. Oxford University Press, 1960.

_____. The travels of Suetonius Tranquillus. In **Hermes**, vol.109, nº01, 1981, p.105-117.

TAYLOR, L. R. Caesar and the Roman Nobility. In: **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Vol. 73, 1942, pp. 1-24.

_____.The rise of Julius Caesar. In **Greece & Rome**, Second Series, Vol.4, No.1, March 1957.

_____. **The Divinity of the Roman Emperor**. Philadelphia: Porcupine Press, 1975.

VEYNE, P. M. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora UNB, 1998

YAVETZ, Z. **Julius Caesar and His Public Image**. London: Thames & Hudson, 1983.

ZANKER, P. **The Power of Imagens in the Age of Augustus**. Michigan: University of Michigan Press, 1988.